

Caros Camaradas,

Como bem sabemos, a vida de professor não é fácil. E é ainda mais difícil quando estamos na pele de um jovem professor e temos de iniciar a carreira a centenas de Km de casa. Acrescenta à nossa dificuldade o facto de o nosso primeiro dia de trabalho ser ao mesmo tempo o dia em que temos de encontrar uma casa ou um quarto para arrendar, e com isso pagar logo duas rendas. Nesta situação se não fosse a ajuda de familiares não conseguiríamos pagar estes gastos iniciais, incluindo a alimentação, transportes entre outros. Esta situação agrava-se, quando recebermos os primeiros ordenados um mês e meio depois de estarmos colocados.

Apesar destas dificuldades, podemos dizer que em parte esta situação neste ano letivo e a partir de agora, e claramente graças à luta dos professores, veio-se a alterar um pouco, agora temos um apoio extraordinário à deslocação que este ano era para apenas as escolas com carência de professores mas que vai abranger todos os professores que se encontrem a trabalhar numa escola a mais de 70 km.

Este apoio, apesar de tudo, ainda se torna insuficiente face ao aumento do custo de vida, nomeadamente face à especulação imobiliária. A situação de um jovem docente agrava-se na chegada do fim de um ano letivo, até porque não sabemos onde iremos ficar no ano letivo seguinte, regressamos à casa dos nossos pais e esperamos ficar colocados logo no dia 1 de setembro para que tenhamos 365 dias contabilizados no nosso tempo de serviço.

E claro evitar ficarmos no desemprego, até porque no primeiro ano de serviço normalmente nunca temos os dias necessários para recebermos o subsídio de desemprego. Podendo assim agravar a nossa situação e

temos de ter um pé de meia para aguentar esta situação e podermos voltar para a mesma rotina de início de ano que já descrevi.

A profissão de docente, pelas suas condições, tem sido inimiga dos jovens. São horários que muitas vezes são desestruturados, ou incompletos e temos de estar em duas escolas para completar as 22h letivas. Onde em muitas escolas são impostas horas extraordinárias e sobretrabalho aos docentes. Acresce a isto as horas de trabalho que levamos para casa, a preparar aulas, fazer fichas e testes, e o tempo das suas correções, a isso junta-se o trabalho burocrático. Mais de 50 horas semanais são gastas pelos docentes segundo o estudo da Fenprof estando assim muito longe das 35 horas de trabalho que nos são pagas.

Com estas condições questiono como é que os jovens podem ter acesso ao desporto, como podem praticar uma modalidade se no ano seguinte não sabem se vão ter continuidade, o mesmo se pode dizer a pertencer a um grupo cultural etc. quando estamos constantemente a andar de terra em terra.

Para responder ao afastamento dos jovens da profissão devem-se pela valorização da carreira, já, sobretudo pelo choque salarial nomeadamente no início de carreira. Acrescendo a isso, devemos reverter a gestão das escolas para o modelo de gestão das escolas, e impedir que os jovens sejam pau para toda a obra na mão de certo tipo de diretores autoritários. Com uma gestão democrática das escolas podemos fazer com que os jovens professores se sintam parte integrante de uma equipa que pretenda um ensino democrático e que defenda os valores de Abril!

Deixo aqui o apelo aos camaradas mais velhos para irem falar com os jovens professores. Eles são o futuro da profissão, são o futuro dos sindicatos e são o futuro da luta!

Viva o 15º congresso da Fenprof!

Viva a Fenprof!

E viva a Luta dos professores!

A Luta Continua!